

Orfeon Académico de Coimbra

CANTAR POESIA

Grupo Folclórico
de Coimbra

Pardalitos do
Mondego

Cantares de Maçadeiras
Orfeão Universitário do Porto

R Café
Avenida
D. Afonso Henriques



3 março
2025
21h00

Organização:



Apoios:

1 2 9 0

UNIVERSIDADE D
COIMBRA



CÂMARA MUNICIPAL
DE
COIMBRA



CANTAR POESIA

Cantares de Maçadeiras

Ind' agora aqui cheguei
Popular

Dobadoira
Popular



CANTAR POESIA

Cantares de Maçadeiras

Este linho é mourisco

Popular

Este linho é mourisco
e a fita dele namora
quem daqui não tem
amores
pega o chapéu vá-se
embora
Ai-a-li-o-lai-o-lai-lalolé
lai-a-ró meu bem
regala-te o meu amor
regala-te e passa bem

O minha mãe dos trabalhos
para quem trabalho eu
trabalho mato meu corpo
não tenho nada de meu

Mondadeiras lá de baixo
mondai o meu linho bem
não olheis para a portela
que a merenda logo vem



CANTAR POESIA

Cantares de Maçadeiras

Moda do entrudo

Popular

Ó Entrudo, ó Entrudo
Ó Entrudo Chocalheiro
Que não deixas assentar
As mocinhas ao soalheiro

Estas casas são caiadas
Estas casas são caiadas
Quem seria a caiadeira
Quem seria a caiadeira

Eu quero ir para o monte
Eu quero ir para o monte
Que no monte é que eu
estou bem
Que no monte é que eu
estou bem

Foi o noivo mais a noiva
Foi o noivo mais a noiva
Com um ramo de laranjeira
Quem seria a caiadeira

Eu quero ir para o monte
Eu quero ir para o monte
Onde não veja ninguém
Que no monte é que eu
estou bem

Eu quero ir para o monte
Eu quero ir para o monte
Que no monte é que eu
estou bem
Que no monte é que eu
estou bem



CANTAR POESIA

Cantares de Maçadeiras

Ó prima vamos para a ceifa
Popular



CANTAR POESIA

Cantares de Maçadeiras

Senhora do Almortão

Popular

Senhora do Almortão
ó minha linda raiana
virai costas a Castela
não queirais ser castelhana

Senhora do Almortão
a vossa capela cheira
cheira a cravos, cheira a
rosas
cheira a flor de laranjeira

senhora do Almortão
eu pró ano não prometo
que me morreu o amor
ando vestida de preto



CANTAR POESIA

Grupo Folclórico de Coimbra

Jovens sereias
Popular

As freiras de Santa Clara
Popular

Fado das Crianças
Letra: Mário Monteiro

Fado de Coimbra
Popular



CANTAR POESIA

Pardalitos do Mondego

Os meus versos

Letra: Florbela Espanca

Música: José Reis

Rasga esses versos que eu te fiz, Amor!
Deita-os ao nada, ao pó, ao esquecimento,
Que a cinza os cubra, que os arraste o vento,
Que a tempestade os leve aonde for!

Rasga-os na mente, se os souberes de cor,
Que volte ao nada o nada dum momento.
Julguei-me grande pelo sentimento,
E pelo orgulho ainda sou maior!...

Tanto verso já disse o que eu sonhei!
Tantos penaram já o que eu penei!
Asas que passam, todo o mundo as sente...

Rasga os meus versos... Pobre endoidecida!
Como se um grande amor cá nesta vida
Não fosse o mesmo amor de toda a gente!...



CANTAR POESIA

Pardalitos do Mondego

A morte saiu à rua

Letra: Zeca Afonso

Música: Zeca Afonso

A morte saiu à rua num dia assim
Naquele lugar sem nome pra qualquer fim
Uma gota rubra sobre a calçada cai
E um rio de sangue dum peito aberto sai

O vento que dá nas canas do canavial
E a foice duma ceifeira de Portugal
E o som da bigorna como um clarim do céu
Vão dizendo em toda a parte o pintor morreu

Teu sangue, Pintor, reclama outra morte igual
Só olho por olho e dente por dente vale
À lei assassina à morte que te matou
Teu corpo pertence à terra que te abraçou

Aqui te afirmamos dente por dente assim
Que um dia rirá melhor quem rirá por fim
Na curva da estrada há covas feitas no chão
E em todas florirão rosas duma nação



CANTAR POESIA

Pardalitos do Mondego

Trova do vento que passa

Letra: Manuel Alegre

Música: Adriano Correia de Oliveira

A morte saiu à rua num dia assim
Naquele lugar sem nome pra qualquer fim
Uma gota rubra sobre a calçada cai
E um rio de sangue dum peito aberto sai

O vento que dá nas canas do canavial
E a foice duma ceifeira de Portugal
E o som da bigorna como um clarim do céu
Vão dizendo em toda a parte o pintor morreu

Teu sangue, Pintor, reclama outra morte igual
Só olho por olho e dente por dente vale
À lei assassina à morte que te matou
Teu corpo pertence à terra que te abraçou

Aqui te afirmamos dente por dente assim
Que um dia rirá melhor quem rirá por fim
Na curva da estrada há covas feitas no chão
E em todas florirão rosas duma nação



CANTAR POESIA

Pardalitos do Mondego

Balada do Outono

Letra: Zeca Afonso

Música: Zeca Afonso

Águas passadas do rio
Meu sono vazio
Não vão acordar
Águas das fontes calai
Ó ribeiras chorai
Que eu não volto a cantar

Rios que vão para o mar
Deixem meus olhos secar
Águas das fontes calai
Ó ribeiras chorai
Que eu não volto a cantar

Águas do rio correndo
Poentes morrendo
Pras bandas do mar
Águas das fontes calai
Ó ribeiras chorai
Que eu não volto a cantar

Rios que vão para o mar
Deixem meus olhos secar
Águas das fontes calai
Ó ribeiras chorai
Que eu não volto a cantar



CANTAR POESIA

Orfeon Académico de Coimbra

Vejam Bem - Zeca Afonso

Vejam bem
Que não há só gaivotas em terra
Quando um homem se põe a pensar
Quando um homem se põe a pensar

Quem lá vem
Dorme à noite ao relento na areia
Dorme à noite ao relento no mar
Dorme à noite ao relento no mar

E se houver
Uma praça de gente madura
E uma estátua
E uma estátua de fogo a arder

Anda alguém
Pela noite de breu à procura
E não há quem lhe queira valer
E não há quem lhe queira valer

Vejam bem
Daquele homem a fraca figura
Desbravando os caminhos do pão
Desbravando os caminhos do pão

E se houver
Uma praça de gente madura
Ninguém vem levantá-lo do chão
Ninguém vem levantá-lo do chão

Vejam bem
Que não há só gaivotas em terra
Quando um homem
Quando um homem se põe a pensar

Quem lá vem
Dorme à noite ao relento na areia
Dorme à noite ao relento no mar
Dorme à noite ao relento no mar



CANTAR POESIA

Orfeon Académico de Coimbra

Chamateia - Popular Açoreana

No berço que a ilha encerra
Bebo as rimas deste canto
No mar alto desta terra
Nada a razão do meu pranto

Mas no terreiro da vida
O jantar serve de ceia
E mesmo a dor mais sentida
Dá lugar à chamateia

Ó meu bem
Ó chamarrita
Meu alento, vai e vem
Vou embarcar nesta dança
Sapateia, ó meu bem

Se a sapateia não der
Pra acalmar minh'alma inquieta
Estou pro que der e vier
Nas voltas da chamarrita

Chamarrita, sapateia
Eu quero é contradizer
O alento desta bruma
Que às vezes me quer vencer

Ó meu bem
Ó chamarrita
Meu alento, vai e vem
Vou embarcar nesta dança
Sapateia, ó meu bem



CANTAR POESIA

Orfeon Académico de Coimbra

Acordai

Letra: José Gomes Ferreira

Música: Fernando Lopes Graça

Acordai
acordai
homens que dormis
a embalar a dor
dos silêncios vis
vinde no clamor
das almas viris
arrancar a flor
que dorme na raíz

Acordai
acordai
raios e tufões
que dormis no ar
e nas multidões
vinde incendiar
de astros e canções
as pedras do mar
o mundo e os corações

Acordai
acendei
de almas e de sóis
este mar sem cais
nem luz de faróis
e acordai depois
das lutas finais
os nossos heróis
que dormem nos covais
Acordai!



CANTAR POESIA

Orfeon Académico de Coimbra *Pardalitos do Mondego*

Cantar de emigração

Letra: Rosalia de Castro

Música: José Niza

Este parte, aquele parte
e todos, todos se vão.
Galiza ficas sem homens
que possam cortar teu pão.

Tens em troca órfãos e órfãs
Tens campos de solidão.
Tens mães que não têm filhos
Filhos que não têm pai.

Coração que tens e sofre
Longas ausências mortais.
Viúvas de vivos mortos
Que ninguém consolará.

Este parte, aquele parte
E todos, todos se vão.
Galiza ficas sem homens
Que possam cortar teu pão.



CANTAR POESIA

Todos os grupos

*Traz outro amigo também -
Zeca Afonso*

Amigo
Maior que o pensamento
Por essa estrada amigo vem
Por essa estrada amigo vem
Não percas tempo que o vento
É meu amigo também
Não percas tempo que o vento
É meu amigo também

Em terras
Em todas as fronteiras
Seja bem vindo quem vier por bem
Se alguém houver que não queira
Trá-lo contigo também

Aqueles
Aqueles que ficaram
(Em toda a parte todo o mundo tem)
Em sonhos me visitaram
Traz outro amigo também